



ARTE E TRABALHO NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL DE SEGMENTOS DA CLASSE TRABALHADORA

Isabel Cristina Chaves Lopes¹

INTRODUÇÃO

Ao nos dirigirmos ao feixe de mediações teóricas e práticas entre a arte, o trabalho e a educação, concluímos que o processo de construção de uma forma de organização social fundamentada em princípios da emancipação humana demanda subjetividades autênticas, como nos fala Meszaros (2006, p. 65) que tenham interesse em materializar valores morais condizentes com uma ética comprometida com a construção de uma nova cultura política. Neste aspecto “o papel da educação é soberano, tanto para (...) para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança consciente*” (Ibid), isto porque na concepção marxista a ‘*efetiva transcendência da auto-alienação do trabalho*’ [é] caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional. (Ibid).

Em função disto, compreendemos que o trabalho educativo, adquirindo os contornos e fundamentos do caráter educativo realizado pela arte, enquanto atividade análoga às formas de trabalho não alienado, possui capacidade de contribuições ao processo de auto mediação, autodeterminação dos indivíduos, à medida que possibilita processos educativos assentados no estímulo à criatividade.

A construção da subjetividade autêntica, consciente, autônoma, demanda o acionamento de ações táticas e estratégicas que possibilitem, a partir de experiências relacionadas ao cotidiano, ontologicamente mediadas pelo trabalho, a construção gradativa de uma forma específica, possível, desta subjetividade, ainda nos marcos do capitalismo, como estratégia de criação da nova formação histórica. Isto porque, o *trabalho, como real sujeito histórico* (MÉSZÁROS, 2009, p.285), demanda “um *sujeito social ativo* que possa intervir *autonomamente* no processo social [de formação da nova história]” (Ibid).

No que tange à constituição do que Mézszáros denomina “nova forma histórica”, tais subjetividades e consciências demandam características específicas que envolvem introjeção de valores substantivos, ou seja, que positivam a condição humana, como nos

¹ Docente UFF/PUCG. Doutora em Serviço Social pela PUC/SP. Endereço eletrônico: icrislopes@vm.uff.br



marcos da ontologia do ser marxista.

Considerando que as individualidades se constroem a partir de relações sociais, sendo produtos delas, o que ela cria é base destas relações. De tal constatação podemos inferir a necessidade da mediação da *práxis* artística como experiência necessária na constituição de bases sociais capazes de produção de individualidades mais criativas, questionadoras e livres do controle das formas de alienação política impressas nas rotinas da vida cotidiana.

Para a estas afirmações necessário se faz o uso de uma determinada concepção de arte, ou seja, uma concepção que apreenda a arte como expressão política e, portanto, como um componente cultural, um componente dos modos de pensar e agir dos indivíduos em uma sociedade. Para tal propósito utilizamo-nos aqui do pensamento de Marx. A concepção de arte em Marx (Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844) nos remete ao conceito de *práxis*, compreendendo, portanto, a relação da arte com a ação interventiva e não de mera contemplação. Disto inferimos suas possibilidades de contribuição a expressões de formas de trabalho, de política e de educação, com características mais emancipadas e emancipadoras.

Vázquez (2007, p. 246) nos ajuda a identificar esta relação entre arte e caráter político emancipatório, quando nos fala que a *práxis* artística é criativa, portanto muito próxima da *práxis* reflexiva, mas como seus vínculos não são imutáveis, pois são determinados pelo contexto de relações sociais específicas, o nível reflexivo de uma *práxis* pode ficar a serviço de uma *práxis* reiterativa. Portanto, para o desenvolver do ato reflexivo em um viés mais crítico, necessárias se fazem outras condições além da experiência com a arte. É necessário compreendê-la como uma forma de trabalho, mais próxima da forma de trabalho não alienada. Isto traz embutido em si uma concepção de mundo que sustenta concepção de educação, que está presente nesta forma de realizar trabalho, mas precisa ser elucidada, explorada na direção da construção de uma hegemonia político pedagógica.

No entanto, se a arte nos oferece elementos para o exercício de uma *práxis* reflexiva, ela é componente cultural imprescindível à conquista e manutenção de um contexto histórico configurado por relações sociais com características radicalmente emancipatórias. A conquista de direitos e sua manutenção demandam a ação contínua do ato reflexivo como elemento imprescindível ao monitoramento da aplicação de tais conquistas. Ou seja, é preciso pensar, mas mais do que isto, é preciso saber pensar e mais do que isto, é preciso saber pensar politicamente. Para tanto, é necessário o trabalho educativo realizado de uma determinada maneira, a partir de determinados fundamentos.

A discussão da arte em Marx, relaciona-se com seus estudos sobre a essência



humana, como forma de identificar contrapontos à raiz da alienação no capitalismo. O objetivo é procurar esclarecer o que o homem perde num contexto cultural hegemônico pela alienação e o quanto pode conquistar para esta essência, em uma sociedade orientada por princípios articulados à esta forma de hegemonia. Nesta procura, Marx acaba por desenvolver estudos sobre a fonte e a natureza do estético, fixando “sua atenção na arte como ‘criação segundo as leis da beleza’” (VÁZQUEZ, 2007, p. 45)

Em Marx, a arte é tratada de forma relacionada às relações sociais de produção e, portanto, em uma relação com a esfera econômica. Em função disto, sua forma de concebê-la demanda sua posição acerca da arte, e deste modo, o resgate dos sentidos humanos nos processos educativos voltados à compreensão e questionamento destas relações.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e constitui-se em um estudo de casos, fundamentando-se em pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, relacionadas às temáticas patriarcado de gênero, gênero feminino e autonomia política, infância e adolescência e o Estatuto da criança e do adolescente.

Seu principal objetivo é identificar e analisar contribuições realizadas pelas atividades artísticas para um trabalho educativo de enfrentamento da cultura patriarcal junto a adolescentes oriundas de segmentos da classe trabalhadora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa encontra-se em uma fase de estudos teóricos acerca dos fundamentos da concepção de arte em Marx que venham a favorecer articulações objetivas entre educação e trabalho para uma proposta de ações táticas e estratégicas comprometidas com a conquista da emancipação humana.

CONCLUSÃO



A partir da identificação do feixe de articulação entre as mediações teórico práticas da arte, do trabalho e da educação, compreendemos contribuições a processos de conquista histórica da emancipação humana. Partimos do princípio de que trabalho e educação contém um ao outro mesmo que em formas variadas, sem no entanto, em muitas destas formas, encerrarem em si princípios definidores da arte em sua condição de categoria ontológica. No entanto, a arte, inicialmente, encerra em si, seus princípios ontológicos definidores, os princípios do trabalho e os da educação, constituindo-se, numa forma articulada com as outras mediações, atividade de caráter valoroso ao enfrentamento de processos de auto alienação engendrados pelas relações sociais de produção.

Palavras-chave: Arte. Trabalho. Educação. Emancipação humana. Mediação.

REFERÊNCIAS

MÉSZÁROS, Istvan. **Estrutura social e formas de consciência**. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2006.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.